

O Acupunturista Brasileiro e o Estudo dos Clássicos Chineses

Palestrante: Daniel Luz

Resumo esquemático da palestra proferida em 06 de novembro de 2010 no IX Simpósio Brasileiro de Aperfeiçoamento em Acupuntura e Terapias Orientais

APRESENTAÇÃO

Quando o professor Reginaldo Filho me convidou para abrir este IX Simpósio Brasileiro de Aperfeiçoamento em Acupuntura e Terapias Orientais, disse-me que o tema geral do evento seriam “os clássicos”. Além de muito grato pelo convite, fiquei também pensativo: que ângulo poderia usar para falar de um tema tão abrangente e fundamental? Parece-me óbvio que estudar os textos fundamentais da medicina clássica chinesa tem muito a contribuir para o entendimento dela; por outro lado, desconfio sempre do óbvio, que geralmente não passa de um ponto cego na percepção de nós mesmos. Forcei-me a fazer a pergunta: afinal, é mesmo importante estudar os clássicos? No mundo atual, mais especificamente no Brasil e no atual momento de crise do capitalismo e conseqüente endurecimento das condições de trabalho, onde o tempo para fazer qualquer outra coisa que não seja “produzir” é escasso, vale a pena gastar horas estudando um material de difícil entendimento, cheio de referências próprias da cultura chinesa de sabe-se lá quantos séculos atrás? Um material traduzido de uma língua que sabidamente perde ainda mais na tradução que as outras, em virtude da sua escrita logográfica, e que talvez mal e mal reflita o original – ainda mais quando se considera que a grande maioria das traduções não têm o português como língua de chegada? Afinal das contas, que impacto positivo concreto esse estudo sabidamente penoso pode trazer para um acupunturista? Vai melhorar a eficácia da sua clínica? Vai trazer mais pacientes?

Me pareceram boas perguntas, e me pareceu mais ainda que talvez muitos acupunturistas não tenham uma resposta imediata para elas – inclusive aqueles que crêem piamente que é importante estudar “os clássicos”.

A partir disso, imaginei que seria interessante começar do começo: situar o estudo dos clássicos no contexto mais amplo do ensino e do aprendizado de medicina tradicional nos modelos chineses e, a partir dessa contextualização, apontar algumas dificuldades bem como pensar os significados possíveis para esse estudo no Brasil de hoje.

TEMAS

1 – O que é “clássico”?

Quando se atribui o status de “clássico” a um texto antigo? O que pode estar envolvido nessa atribuição?

2 – Como se estuda medicina chinesa?

Estilos de transmissão de saber na China:

- professor/aluno;
- mentor/pupilo;
- mestre/discípulo;
- estudando sozinho: introdução da questão do idioma chinês e as dificuldades de sua tradução para línguas ocidentais.

3 – sugestões

- para estudar a língua chinesa;
- buscar um mestre;
- a importância da prática.

Na prática, o que torna um texto chinês um clássico médico é a posição que este ocupa como texto fundamental *dentro de uma determinada escola* de medicina chinesa ou no contexto da transmissão de um determinado mestre. Assim, um texto pode orientar a prática e o estudo numa escola e ser totalmente ignorado (embora reconhecido como “clássico”) por outras. Um exemplo contundente é o próprio Clássico das Mutações, o Yijing.

Determinar o que é e o que não é clássico é uma ação política importante, reveladora tanto de ideologias quanto de estratégias de mercado, fundamentais para a sobrevivência das escolas de acupuntura no Brasil.